

EDITORIAL

É incontestável a gravidade da crise que estamos vivendo, sendo um momento extremamente penoso em muitas instâncias: social, política e economicamente. Perdemos o que Giddens (CASTIEL, 2003; FIGUEIREDO, 2012) define como “segurança ontológica”: aquele sentimento necessário de estabilidade em termos de si mesmo (autoidentidade) e de seu entorno, que se enraíza no indivíduo e que lhe permite viver com relativa tranquilidade e algum prazer (PROCHET, 2018). A perda da segurança não atinge apenas aquilo que foi fraturado. O sentimento de inconfiabilidade se espalha para o outro, o ambiente e o próprio indivíduo e, sem que um sentimento mínimo de segurança possa ser assegurado, torna-se muito difícil sustentar diferenças e singularidades, pois estas passam a ser percebidas como ameaças em potencial. A perda da segurança e da capacidade de confiar tem sempre como consequência uma resposta de sofrimento que pode ser expressa de várias formas: fisicamente, através do adoecer e das manifestações de *stress*; verbalmente, por relatos de tristeza e desânimo ou silenciosamente.

O Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro em 2020 procurou acompanhar o que vinha sendo expresso na cultura e optou pelo tema *Exclusão, solidão, desesperança: excessos e vazios*. Não se sabia, ainda, na ocasião da escolha do tema, que outra circunstância agravaria ainda mais o quadro desalentador descrito no início das atividades institucionais: a eclosão da pandemia mundial de COVID-19.

Em razão deste acontecimento que acompanha o mundo ao longo de todo o ano, a Comissão Executiva Técnica de Publicações e Biblioteca considerou ser fundamental a inclusão de mais um tema na proposta dos Cadernos de Psicanálise-CPRJ 2020. Nossa revista passa, assim, a ter o título de *Exclusão, solidão, desesperança e pandemia*.

Além das seções de artigos temáticos e não temáticos, apresentamos duas resenhas dos livros: *Por que Ferenczi?*, de Daniel Kupermann e *A psicanálise: caminhos no mundo em transformação*, de Luís Claudio Figueiredo.

Embora os temas deste ano sejam muito difíceis e dolorosos, acreditamos, sem um olhar ingênuo, mas com esperança, que estejamos atravessando um momento mutativo da experiência humana e acreditamos ser possível viver os momentos difíceis com o uso do potencial criativo e reparador do indivíduo, em direção à resiliência e à transformação. “Para ser compreendida, a solidão deve ser compartilhada, deixando então de ser solidão” (ANZIEU, D. *Antinomies de la solitude.*, *Nouv. Rev. Psych.*, 36:123, 1997).

Os Editores